

UMA HERANÇA CULTURAL CONSOLIDADA NA MEMÓRIA COLETIVA: O MINEIRO-PAU EM BARÃO DO MONTE ALTO (MG)

Pollylian Assis Madeira¹

Regina M. do Rego M. de Abreu²

Resumo: O presente trabalho apresenta elementos de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, dialogando entre os temas memória e patrimônio, expondo narrativas dos líderes de uma manifestação cultural do município de Barão do Monte Alto (MG). Localidade culturalmente rica em suas tradições demonstradas em suas manifestações culturais, destaca-se o Mineiro-pau com as apresentações no Micareme. Esta é uma festa realizada no período da Semana Santa e demonstra a particularidade do município em agregar celebrações de cunho sagrado, profano e folclórico. Além da pesquisa bibliográfica realizada para o desenvolvimento deste estudo fundamentando-se em autores específicos sobre os temas, utilizou-se também como método pesquisas de campo com estudo etnográfico e entrevistas qualitativas semiestruturadas com os responsáveis por esta expressão cultural. Com o relato da história oral apresentada pelas narrativas de alguns dos envolvidos, percebeu-se a preservação da identidade de um povo através da sua manifestação cultural ainda não patrimonializada, mas valorada na memória de uma comunidade que a chama por folclore.

Palavras-chaves: Memória, Patrimônio, Mineiro-pau.

Abstract: This paper presents elements of a doctoral research project developed within the Graduate Program in Social Memory at the Federal University of the State of Rio de Janeiro. It discusses the themes of memory and heritage and presents narratives of leaders of a cultural manifestation in the municipality of Barão do Monte Alto, Minas Gerais. A culturally rich locality, reflected in its traditions, the Mineiro-pau (Pau Mineiro) stands out with its performances at Micareme (Micareme). This festival takes place during Holy Week and demonstrates the municipality's unique ability to combine sacred, secular, and folkloric celebrations. In addition to the bibliographic research conducted for this

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO - pollylianassismadeira@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO - abreuregin@gmail.com

study, based on specific authors on the topics, field research with ethnographic studies and semi-structured qualitative interviews with those responsible for this cultural expression were also used as methods. Through the oral history presented in the narratives of some of those involved, we observed the preservation of a people's identity through their cultural manifestation, which is not yet recognized as heritage but is valued in the memory of a community that calls it folklore.

Keywords: Memory, Heritage, Mineiro-pau.

Introdução

Barão do Monte Alto está situado no interior de Minas Gerais, na região da Zona da Mata Mineira, ocupando uma área de 199,11 km². Segundo o censo de 2010 (IBGE, 2010), o município contava com uma população de 5.720 habitantes. O nome da cidade é uma homenagem a Francisco Alves da Silva Pereira, um dos primeiros moradores da região e proprietário da antiga Fazenda Monte Alto. Além de fazendeiro, ele também atuava como comissário de café, transportando o produto em tropas até a então capital do Império, o Rio de Janeiro. Em reconhecimento aos seus feitos, foi agraciado por Dom Pedro I com o título de “Barão do Monte Alto”, em alusão ao nome de sua fazenda (MADEIRA, 2023).

A cidade é bastante conhecida por suas festas populares, sendo uma das principais o Micareme³, que ocorre durante a Semana Santa, período tradicionalmente sagrado. Durante esse tempo, além das apresentações religiosas, como a Encenação da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, também são realizadas manifestações folclóricas e a de maior destaque é o Mineiro-pau. Neste mesmo período haviam também apresentações de desfiles de Blocos Carnavalescos no sábado e domingo, após as apresentações religiosas. No entanto, apesar de algumas tentativas para manter essas tradições, em 1995, eles foram extintos.

³ Conhecido como “carnaval fora de época”, iniciou-se um pouco mais de 30 anos, com o intuito de receber visitantes e os montealtenses ausentes.

A origem do Mineiro-pau remonta às experiências de um lavrador local que, ao voltar do trabalho, enfrentava situações inusitadas que decidiu transformar em um folguedo popular. Montado em uma mula ou burro e munido de um porrete, se o lavrador encontrasse um boi bravo (fig. 1), ele descia da sua montaria e lutava com o animal. Por isso, a apresentação do Boi acompanha o Mineiro-pau. Essa manifestação cultural foi criada em Barão do Monte Alto pelo lavrador Valdevino Sabino da Gama, conhecido como Mestre Gama, na Fazenda do Zé Carvalho (Madeira, 2023).



Figura 1 – Boi que acompanha o Mineiro-pau
Fonte: Arquivo pessoal, 2024



Figura 2 – Batedores de pau
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

A manifestação cultural que homenageia os mineiros é representada por uma apresentação folclórica que envolve crianças, mulheres, jovens, idosos e famílias. Aproximadamente 30 participantes, os chamados batedores de pau (fig. 2), se reúnem ao som de uma música original composta por um dos integrantes do grupo. Os instrumentos utilizados incluem sanfona de oito baixos, zabumba, reco-reco, triângulo, chocalho, tamborim e pandeiro. Transmitida de geração em geração, essa herança cultural se consolidou como um bem cultural coletivo e parte fundamental da história e identidade de Barão do Monte Alto. Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar parte dos registros da pesquisa de doutoramento em andamento no município de Barão do Monte Alto (MG), enfocando a manifestação cultural do Mineiro-pau.

Percebeu-se, após contato com os envolvidos, o reconhecimento desta manifestação cultural consolidada na memória coletiva e, mesmo ainda não patrimonializada, representa a identidade de um povo que a chama por folclore.

Metodologia

A pesquisa baseou-se em ampla fundamentação teórica, com autores como Pollak (1992), que aborda memória, identidade e pertencimento; Rodrigues (2012), que discute o conceito de patrimônio; e Brandão (1984), que explora o significado do folclore. Em julho de 2024 e abril de 2025, foram realizadas pesquisas de campo com abordagem etnográfica, a fim de compreender e retratar a complexidade e os sentidos atribuídos ao Mineiro-pau pelos seus praticantes.

Os registros foram feitos sistematicamente por meio de fotografias, filmagens, gravações, anotações e relatos escritos. Foram ouvidos diversos interlocutores, especialmente os responsáveis pela organização e execução da manifestação cultural em seus diversos grupos. Entrevistas qualitativas semiestruturadas foram conduzidas com líderes da manifestação, participantes, moradores locais e representantes do poder público.

Resultados e Discussões

Estudar sobre patrimônio envolve a compreensão do termo cultura e esta é um fenômeno complexo ligado a existência humana. O conceito de cultura é apresentado por Botelho (2001, p.74) em duas dimensões: a antropológica e a sociológica. Na dimensão antropológica a cultura “se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”. A sociológica compreende a cultura como “uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001,

p.74). Esta última dimensão trás o entendimento do alcance da cultura para visualização além da comunidade a qual faz parte, o visitante.

A noção de cultura passa a incluir o conhecimento, as estruturas arquitetônicas, a arte, a moral, as leis, os costumes, os hábitos e qualquer outra forma de demonstração que expresse a vida de um povo. Estas manifestações são a identidade de uma sociedade, expressando um sentimento compartilhado que manifesta singularidade; ela mesma contém valores humanos indiscutíveis.

Nesse sentido, o patrimônio deve estar integrado ao cotidiano das pessoas e ser parte de políticas que proponham sua valorização com o intuito de fortalecer a cidadania e a qualidade de vida, gerando renda e empregos. O aumento do interesse por bens culturais impulsionou significativamente o crescimento de coleções e museus públicos e privados, além de abrir espaço para o uso turístico e comercial do patrimônio, como na produção de souvenirs que conectam o visitante à experiência cultural. O patrimônio passa a ser visto não apenas por seu valor histórico, mas também como elemento ativo nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais (CORÁ, 2011, p. 77).

A preservação desses elementos é feita por meio do entendimento de patrimônio imaterial, que reconhece aspectos da vida da comunidade e a cultura do povo (GONÇALVES, 2003, p. 24).

Ampliando a discussão, Rodrigues (2012, p. 4) considera o patrimônio cultural como um conjunto de bens, materiais e imateriais, que são valorizados pela relevância histórica e interesse coletivo. Para o autor, o patrimônio recorda o passado, funciona como uma convocação e um testemunho da memória coletiva, representando símbolos sacralizados escolhidos por grupos sociais, como expressão do que deve ser protegido para as futuras gerações.

Santana e Simões (2015, p. 96) complementam essa ideia, afirmando que o valor do patrimônio cultural reside em seus significados simbólicos, os quais remetem à história, à identidade cultural e à memória dos indivíduos e dos grupos. Com base nas relações sociais e nas práticas cotidianas, as pessoas atribuem significado aos bens, passando a identificá-los como patrimônio. Assim,

identidade, patrimônio e memória formam um conjunto importante para a valorização cultural.

Os valores atribuídos ao patrimônio cultural são construídos a partir das práticas cotidianas, da memória coletiva e da identificação de um grupo com determinada expressão cultural. Quando uma comunidade reconhece uma tradição como parte de sua herança, ela a legitima como patrimônio.

É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O patrimônio faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. [...] É o conjunto de símbolos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, normalmente a elite, política, científica, econômica e religiosa, decide preservar como patrimônio coletivo (RODRIGUES, 2012, p. 4).

A memória, por sua natureza, baseia-se nas vivências coletivas e é constantemente ressignificada no presente. Ela atua como um fio condutor nas relações sociais, contribuindo para a formação de subjetividades dentro dos grupos. É a memória que define o que é comum ao grupo, o que o diferencia, e o que o mantém coeso. Conforme Pollak (1992), a memória, enquanto lembrança viva, só se concretiza e se fortalece quando associada ao sentimento de pertencimento.

Memória e patrimônio estão profundamente entrelaçados, pois são eles que conferem sentido de pertencimento a um grupo. Segundo Lopez (2008, p. 33), memória pode ser compreendida como o conjunto de registros simbólicos que moldam a identidade, a forma de viver e o modo de ver o mundo, com base nos contextos históricos e culturais do grupo social. Essa memória compartilhada confere a cada indivíduo o sentimento de pertencimento.

Pollak (1992), acredita que “as identidades se constroem a partir de visões do passado, que funcionam como pontos de referência para determinados grupos e fornecem coerência, no tempo, a seus quadros de representação simbólica”. Acontecimentos do passado são lembrados conforme sua importância para os indivíduos que recordam por sua contribuição na construção

da identidade e das relações pessoais. O resgate de tradições, práticas sociais e espaços antigos torna-se um meio importante de reafirmação identitária (CORÁ, 2011, p. 64).

Os patrimônios imateriais fazem parte da construção da memória coletiva de uma comunidade e podem ser apresentadas por meio das festas populares. Estas reforçam a identidade de um povo por meio de músicas, rituais e narrativas que evocam lembranças e fortalecem vínculos comunitários. Ao buscar proteger sua memória, a comunidade constrói uma narrativa que serve como identidade para as futuras gerações. A identidade e a memória de um povo são reforçadas por meio das festas, cânticos, rituais, narrativas que se repetem dia após dia, exercendo a função de lembrança das tradições para o grupo (ABREU, 2007, p.54).

As expressões culturais muitas vezes são criadas a partir das experiências de determinados grupos que vivenciam situações cotidianas envolvendo a economia local, transformando algumas vezes em folguedo. Brandão (1984, p.36) explica que:

o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular (a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do *povo*, ou dos diferentes *povos* que há no povo) e incorpora aquilo que, sendo ainda de um autor conhecido, já foi coletivizado, incluído no “vivido e pensado” do povo (...).

A cultura popular é constituída essencialmente do sentimento de identidade, de história e com propósito de continuidade. O folclore também é um modo de tentar construir um laço entre o presente e o passado, mas podem ser preservados através do processo de patrimonialização. Este, precisa de dois fatores essenciais para que haja o comprometimento: “a existência de um interesse social pelo objeto imaterial e a possibilidade de um conhecimento desse objeto e de seu mundo de origem” (DAVALLON, 2015).

Devido ao extenso material coletado, serão aqui relatadas apenas algumas informações. Os principais líderes atuais dos grupos de Mineiro-pau são Jaime

Marques Ferreira (fig. 3), Maria de Lourdes Ventura Silva (fig. 4) e Tereza Costa Alves (fig. 6).

O envolvimento do Sr. Jaime vai além da liderança: ele também atua como músico, artesão dos bonecos (Mulinha, Jaguará, Boi, Jacaré, Zebrinha) e personagens (Fantasma, Florentina, Colombina), além de coordenar os ensaios. Embora não saiba a data exata da origem da manifestação, ele reconhece Mestre Gama como seu criador, lavrador que transformou experiências do cotidiano rural em expressão artística. Jaime também destaca que as músicas mantêm o mesmo ritmo, mas que as letras são renovadas.



Figura 3 – Jaime M. Ferreira com a Florentina
Fonte: Arquivo pessoal, 2024



Figura 4 – Maria de Lourdes e filha Cremilda
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Durante a entrevista, o senhor Jaime me convidou a visitar o espaço onde são guardados os equipamentos, personagens, bichos, vestimentas e instrumentos utilizados na manifestação cultural do Mineiro-pau, apresentando detalhadamente cada elemento envolvido na tradição. No trajeto até o local, Jaime compartilhou a história de como iniciou seu próprio grupo de Mineiro-pau. Relatou que um homem do Rio de Janeiro, natural de Barão, propôs lhe doar um

jogo de camisas caso ele formasse um grupo próprio, em vez de continuar participando de grupos organizados por outras pessoas. No entanto, a condição era de que o novo grupo fosse originado e mantido no bairro Distrito.

Ao longo da entrevista, sempre que falava sobre o Mineiro-pau, o entrevistado fazia questão de usar o termo “folclore” – o que se revela um aspecto significativo para os fundamentos desta pesquisa. Segundo Brandão (1984, p. 35), o folclore inclui lendas, saberes e mitos, transmitidos oralmente ao longo das gerações, sendo incorporado ao modo de vida de grupos específicos — como aconteceu em Barão do Monte Alto, onde lavradores deram origem à tradição.

Jaime conta que a formação total dos participantes fica em torno de 50 pessoas, 10 bichos com bonecos (fig. 5), 30 batedores de pau, o cantador, os bateristas, as pessoas que cantam dando a resposta do Mineiro-pau.



Figura 5 – Bichos e Bonecos
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Dona Maria de Lourdes, com o apoio da filha Cremilda V. da Silva Peres (49 anos, fig. 4), relembra que os primeiros a realizar a manifestação no distrito de Silveira Carvalho foram Antonio Porciano e o sobrinho Sebastião Xavier da Silva (Bastiãozão), seu marido. Após o falecimento de Antonio, Bastiãozão deu continuidade à tradição, levando-a para a sede do município. Para custear as apresentações, ele vendia arroz e feijão produzidos em sua roça. Após sua

morte, Dona Maria de Lourdes manteve a tradição com ajuda do filho: *“Meu marido era dono do Mineiro-pau e depois do seu falecimento decidi continuar o legado dele”* (Maria de Lourdes, 2024). Posteriormente, interrompeu as atividades, repassando os materiais a um grupo do distrito de Cachoeira Alegre. Observa-se nos relatos a noção de “pertencimento”, “valores familiares”, “reprodução”, algumas das características preponderantes identificadas no conceito de cultura e, conseqüentemente de patrimônio.

Anos mais tarde, incentivada pela neta, tentou retomar a tradição, mas foi informada de que os materiais haviam sido destruídos por um incêndio. Restaram apenas as estruturas de ferro dos bonecos, sendo necessário confeccionar novas vestes. Diante dos altos custos e sem produção agrícola própria, ela passou a depender do apoio da comunidade e de incentivos públicos.

Outra responsável por um grupo de Mineiro-pau é Dona Tereza Costa Alves (78 anos, fig.6), do bairro Arraila Velho. Dona Tereza conta que ela presenciava o Mineiro-pau com a organização do seu sogro Augusto Alves Ribeiro, no bairro Califórnia. Após o casamento com Nilson Augusto Alves (filho de Augusto), Dona Tereza ajudava na confecção dos bichos que faz parte das apresentações do folgado. Estes eram feitos de taquara, retiradas do mato. A entrevistada conta que antes, além da estrutura do bicho ser de taquara, a cobertura dele que é de pano, era toda costurada a mão. Hoje a armação é feita de ferro e o pano que cobre o bicho é feito em máquina de costura.

Com o falecimento de Augusto, Nilson (conhecido como Buru) assumiu a liderança, por volta de 1980, saindo do bairro Califórnia para o bairro Arraial Velho, onde residia com a esposa Tereza. Aos 78 anos de idade Nilson saiu com o grupo pela última vez, vindo a falecer de Covid em outubro de 2020. A partir de então, Dona Tereza e filhas assumiram a responsabilidade do grupo. Hoje, idosa e com problemas de saúde, Dona Tereza conta com a colaboração das filhas Sandra Costa Alves (54 anos, fig. 7) e Lilia Aparecida Alves Brito (45 anos) que se tornaram mais ativas. Sandra, no momento do relato, expressou tamanho sentimento de pertencimento:

“É amor. Nós toda a vida acompanhamos o meu pai. Essas coisas aqui que eu aprendi, foi com ele, minha tia, os pessoal da família mesmo, que mexe com esse negócio de levar o pau. Desde a época do meu avô... Nunca mudou de família, e tradição foi a mesma. Tradição é tradição... Morre, aí outros vêm e pegam... Assim que a gente governa o negócio” (Sandra C. Alves, 2025).



Figura 6 – Tereza C. Alves
Fonte: Arquivo pessoal, 2025



Figura 7 – Sandra C. Alves
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

O sentimento de pertencimento expressado nas falas de Sandra está relacionado à transmissão de valores e ao reconhecimento de um bem como parte da história de um grupo. Como destaca Cruz (2012, p. 95), o patrimônio cultural é uma criação histórica e social que carrega consigo uma aura simbólica de herança transmitida entre gerações.

Observou-se, conforme as falas dos entrevistados, que todos os grupos apresentam dificuldades de compras dos materiais para a construção ou manutenção dos equipamentos e/ou personagens que compõem o Mineiro-pau. No início de 2024, a prefeitura repassou recursos por meio da Lei Paulo Gustavo, parte dos quais foi destinada aos grupos de Mineiro-pau.

A participação do poder público na entrevista contou com a presença da Secretária Municipal de Educação, Desenvolvimento, Esporte, Cultura, Lazer e Turismo Marcelle Cardoso Alvim Cirino e da Secretária da Assistência Social Juliana da Cunha Gonçalves; apresentando informações sobre os registros dos patrimônios culturais do município e como estão sendo realizados os processos para proteção dos mesmos, os eventos envolvendo apresentações das manifestações culturais, realização de reuniões com os envolvidos das

expressões culturais locais, a política de cultura do município e os projetos que envolvem as verbas de incentivo à cultura. As entrevistadas apresentaram os livros da Política Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural de Barão do Monte Alto, referentes aos exercícios de 2024 e 2025, documentando ações já realizadas e propostas futuras.

Considerações Finais

A pesquisa etnográfica permitiu constatar que os entrevistados reconhecem e valorizam o Mineiro-pau como patrimônio cultural de Barão do Monte Alto, mesmo ainda não tendo passado por um processo formal de patrimonialização. A patrimonialização do imaterial vem sendo compreendida como uma alternativa possível para o resgate e a valorização de algumas manifestações culturais, fortalecendo e preservando o patrimônio cultural imaterial de uma localidade. Neste sentido, a salvaguarda dos patrimônios culturais de Barão do Monte Alto pode colaborar para salvaguardar o patrimônio local e, além disto, para o fortalecimento da identidade cultural dos moradores locais.

O envolvimento e a participação dos entrevistados, podem ser percebidos nos comentários, comprovando o sentimento de pertencimento dos locais quando narram como eram e ainda são obtidas as vestimentas e os instrumentos para as apresentações das manifestações culturais locais. Com esta prática, eles demonstram a importância do envolvimento coletivo para a manutenção das manifestações culturais, através das doações, recurso do próprio bolso, entre outras formas de garantir a continuação destes eventos.

O reconhecimento espontâneo, por parte da própria comunidade, é fundamental para a preservação e revitalização da tradição, funcionando como instrumento de desenvolvimento e consolidação da cultura local. É possível considerar que a manifestação cultural da localidade em estudo continua representando um referencial da memória coletiva para os moradores da referida cidade.

Em 2024, o poder público demonstrou empenho em apoiar tais manifestações. No entanto, com a mudança de gestão municipal em 2025, será necessário realizar novos estudos para avaliar a efetividade das políticas culturais em vigor, a continuidade ou novos processos que assegurem a conservação, valorização e preservação dos bens culturais de Barão do Monte Alto (MG).

Manifestações culturais são expressões vivas da identidade de um povo — sejam tradições, costumes ou festas populares — e cumprem papel essencial na preservação dos saberes e valores de uma sociedade. O Mineiro-pau, em Barão do Monte Alto, é um exemplo concreto de como o folclore, enraizado na memória coletiva, contribui para manter viva a cultura local.

Referências

ABREU, Regina. **Patrimônio Cultural**: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. IN: Apostila Seminários Temáticos Arte e Cultura Popular. Primeira Edição, 2006 /2007. Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro. 2007. p. 54-63.

BOTELHO, Isaura. **DIMENSÕES DA CULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS**. São Paulo em perspectiva, 15(2) 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 mar. 2022

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 4ª Edição. 1984.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian et al. **Do material ao imaterial**: patrimônios culturais do Brasil. 2011.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. **“PATRIMONIALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO”: ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE TURISMO, “PATRIMÔNIO CULTURAL” E PRODUÇÃO DO ESPAÇO**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 31, pp. 95 - 104, 2012.

DAVALLON, Jean. **Memória e patrimônio**: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. IN: DODEBEI, Vera; TARDY, Cécile. Memória e novos patrimônios. Marseille: Open Edition Press, 2015. Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/866>

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. IN: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.49-59.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. v4.6.18. **POPULAÇÃO BARÃO DO MONTE ALTO, 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/barao-de-monte-alto/panorama> 2017. Acesso em: 20 mar. 2022.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. 1. ed. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

MADEIRA, Pollylian Assis. **Barão do Monte Alto (MG): desafios para a valorização das manifestações culturais e para o processo de patrimonialização do imaterial**. Monografia (Lato Sensu) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1992.

RODRIGUES, D. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. Revista Ubimuseum, v. 1, p. 45-52, 2012.

SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA)**. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015.